



o Arcauto
da santidade

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE OUTUBRO DE 1979

**NOSSA
HERANÇA
EVANGÉLICA**



O mundo dos negócios tem um fantasma: é a competição. Este monstro é tão feroz que se referem a ele como o "Inimigo". Na realidade, os termos usualmente dados à competição são bélicos.

Muito a propósito. A competição excede o palco da vida comercial da nossa cidade ou aldeia. Alastra-se às nações. Gera a corrida de armamentos e campanhas para grangear amizades e votos. Em outra escala, mostra-se presente nas escolas, nos empregos, nos concursos de beleza ou de produtos agro-pecuários. É a palavra mestra do desporto. Aqui, a pressão de ganhar pode ser tão grande que desonestidades, quantias fabulosas, suborno e violência joguem fortemente.

Não há homem ou mulher que hoje não se ache sob uma forma ou outra de competição.

Moderada, a competição pode ser saudável e vantajosa. Quando cega, é tão destrutiva como a guerra.

Certo dia os discípulos de Jesus abeiraram-se dele com uma notícia que os alarmara. Sentiam-se vítimas de competição. Disseram a Jesus: "Mestre, vimos um que em teu nome expulsava demónios,

e lho proibimos, porque não te segue connosco" (Lucas 9:49).

Foi um grito de alarme quanto à competição religiosa. Propositadamente, não a mencionáramos antes. Mas ela pode atingir—como tantas vezes na história! — proporções sangrentas. Tem dividido famílias e nações. Ameaça a paz nas comunidades e preocupa seriamente muita gente boa que vê assim prejudicada a causa de Jesus Cristo.

Há dias, numa só artéria de grande cidade, apontaram-me dezasseis igrejas—cada uma pertencente a grupo diferente. Como variavam os nomes e a própria arquitectura! Por certo, também, a liturgia e as bases teológicas: um campo aberto à competição, com todos os seus ângulos bons e maus.

Como os discípulos de outrora, somos também tentados a hostilizar outros grupos, só porque não O seguem connosco. Sem consulta, sem um tempo de reflexão calma, os amigos de Jesus suprimiram a voz que parecia fazer-lhes concorrência. Disseram:

"... e lho proibimos".

Quanta violência e proibições em nome de Cristo, por muitos que se apresentam como Seus seguidores! A surpresa que então se vive é que o próprio Jesus não apoiaria todas estas campanhas desenhadas para abafar a "concorrência" religiosa.

Na própria acusação dos discípulos, Jesus encontrou razões para não condenar o pregador anónimo:

O homem estava numa campanha aberta contra espíritos malignos. Expulsava-os. Basta o Diabo para combater igrejas hoje empenhadas em denunciar e combater o espírito do mal; não colaborem com ele. Qualquer que seja o nome dessas igrejas, tornam-se aliadas da nossa causa, pois esta é a missão primordial confiada aos seguidores de Jesus Cristo. Que

aliadas

—Jorge de Barros

o Senhor não nos ache na luta fratricida de igreja contra igreja, enquanto o mal campeia, pois já não haverá forças que o resistam e vençam.

Outra razão que Jesus encontrou para suspender a proibição, era que o pregador hostilizado pelos discípulos usava o Nome do Senhor. Este elemento — o Nome de Jesus — é o maior traço de união do universo. Liga ex-inimigos, une a família, traz harmonia à sociedade, à nação e ao mundo. À sombra deste Nome andaremos seguros.

O fantasma da competição pode provocar um dano irreparável: levar-nos a calar ou a magoar forças aliadas. Nada agradará mais ao Diabo e menos a Jesus Cristo. □

FUNDAMENTO DA FÉ



—Orville W. Jenkins
Superintendente Geral

Quando um soldado que viria a morrer nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial disse que “a verdadeira religião é apostar na vida que existe Deus”, não somente exprimiu a própria fé cristã, mas deu uma boa definição de fé efectiva.

O céptico é levado a declarar: “Fé é crer algo que se sabe não ser verdadeiro”. Algumas pessoas pensam que ter fé é acreditar firmemente que partir um espelho dá má sorte, ou aceitam qualquer outra noção supersticiosa. Mas a fé não está alicerçada em superstição, presunção ou coisa semelhante.

A fé cristã é aquela atitude do coração e da mente que abrange os factos concernentes a Jesus Cristo, assim como os que estão revelados na Palavra de Deus. Esta fé traduz-se em convicções válidas, mesmo quando se trata de território onde não é fácil uma demonstração imediata.

Nós vivemos em conformidade com uma fé comum, baseada em factos e conhecimentos aprendidos, comprovados e adquiridos. A investigação científica apresenta um mundo de inventos que nunca chegaríamos a conhecer sem exercitar a fé. Mas a pergunta insistente é: Como podemos passar da fé comum para uma fé simples e sincera em Deus?

Como teremos fé em Deus? Qual a base ou fundamento da nossa fé em Cristo? Existe uma passagem escriturística que afirma: “A fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Romanos 10:17). A Palavra de Deus contém as verdades eternas referentes ao próprio Deus. Negar a existência de tais verdades, como se encontram na Bíblia, é mostrar ignorância e colocar-se na mesma categoria daqueles que outrora rejeitaram descobertas científicas e possibilidades que hoje aceitamos e aproveitamos.

As verdades relativas a Deus podem e são conhecidas por revelação divina. Quando a fé leva a crer o que a Palavra de Deus afirma acerca de Deus e do Senhor Jesus Cristo, o Espírito Santo abre-nos o entendimento e enche-nos de confiança e certeza interior. Jesus permanece atrás da Sua Palavra para Se tornar conhecido e real nas indagações da mente e da alma.

Dizer que podemos compreender todos os mistérios relacionados com Deus infinito, é insensatez. Mas, como o homem cego a quem Jesus restabeleceu a vista, apesar de não poder responder a todas as perguntas relacionadas com o Senhor, ele pôde declarar com firmeza: “Uma coisa sei, e é que, havendo eu sido cego, agora vejo” (João 9:25).

A Palavra de Deus e a Sua divina revelação aos nossos corações constituem o fundamento da fé. □

Volume VIII
15 de Outubro de 1979
Número 20

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES,
Administradora

ARAUTO
da Santidade

CAPA: JOÃO WESLEY. Desenho de P. Behrens.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

DECLARAÇÃO DE FÉ

Creemos:

1. Que há um só Deus—o Pai, o Filho e o Espírito Santo.
2. Que as Escrituras do Velho e do Novo Testamento, dadas por inspiração plena, incluem toda a verdade necessária à fé e à vida cristã.
3. Que o homem nasce com uma natureza corrompida e é, portanto, inclinado ao mal, e isto continuamente.
4. Que aquele que continua impenitente até o fim fica perdido eternamente e sem esperança.
5. Que a expiação mediante Jesus Cristo é para toda a raça humana; e que aquele que se arrepende e crê no Senhor Jesus Cristo é justificado, regenerado e salvo do domínio do pecado.
6. Que os crentes, depois da regeneração, deverão ser inteiramente santificados pela fé no Senhor Jesus Cristo.
7. Que o Espírito Santo testifica do novo nascimento e também da inteira santificação dos crentes.
8. Que o nosso Senhor voltará, os mortos serão ressuscitados e se realizará o juízo final. □

(MANUAL, Artigos de Fé, IV)

REGRAS, DISCIPLINA, IGREJA

—H. T. Reza

Este número da nossa revista dá ênfase à Reforma e ao Manual da Igreja do Nazareno. O estudo das Regras Gerais e Especiais é assunto de transcendência actual. A razão é óbvia, pois temos sempre duas alternativas: ou conservar o Manual intacto, embora a nossa prática seja diferente; ou procurar adaptá-lo aos nossos dias. Se seguirmos a primeira, seremos acusados de falta de sinceridade ética; se a segunda, de nos afastarmos da doutrina e do "trilho dos nossos antepassados".

A Igreja do Nazareno reprova esta espécie de dilemas. Não podemos navegar entre duas águas. Com isto em mente e de acordo com a Assembleia Geral de 1972, a Igreja organizou uma comissão para estudo das nossas regras. O relatório apresentado na Assembleia Geral de 1976, foi aceite unanimemente. Daí a última edição do Manual apresentar as seguintes inovações:

1. Alguns assuntos das Regras Gerais passaram a pertencer às Regras Especiais. As Regras Gerais só podem ser mudadas por voto de duas terças partes dos membros votantes numa Assembleia Geral. As Regras Especiais apenas exigem maioria de votos.
2. As Regras Gerais foram baseadas em passagens bíblicas para não se pensar que são apenas ideias de homens.
3. A ordem de apresentação das regras mudou, passando a primeiro lugar as normas positivas, conforme os manuais anteriores.
4. Foram acrescentados uma declaração sobre a vida e comportamento cristão e dois parágrafos especiais na secção X, referentes à inteira santificação.

A consciência colectiva da nossa Igreja está firme. Não só continuamos a crer naquilo que os nossos pais da Igreja incluíram nas Regras Gerais e Especiais, mas também o confirmamos com o nosso procedimento. O Manual é para os nazarenos um instrumento vivo, não um postulado morto.

Também reconhecemos que os Artigos de Fé do nosso Manual não foram inspirados da mesma forma que a Bíblia. Mas têm o mesmo impacto nas nossas vidas, pois são a interpretação de conceitos e princípios bíblicos.

Portanto, todo aquele que deliberadamente violar estas regras, fá-lo a risco da própria condição espiritual.

Há situações locais em certos países que requerem adaptações. A Junta de Superintendentes Gerais está autorizada a aprovar ou não qualquer sugestão nesse sentido. O facto do nosso Manual estar traduzido em mais de 17 idiomas, indica a uniformidade de intenção e objectivos que a Igreja do Nazareno tem na sua estrutura mundial.

Estas são as nossas 95 teses. Esta é a nossa declaração de Reforma. É isto que ensinamos aos nossos filhos e seguidores, como sendo a nossa convicção no século XX. As Regras e o Manual são a nossa disciplina. Que Deus nos ajude. □

JOÃO WESLEY E A IGREJA DO NAZARENO

—Tom Noble

Tradição implica controvérsia. Uns aceitam-na, outros rejeitam-na. No entanto, ninguém lhe escapa.

A palavra latina "trado" significa "eu transmito". Na Igreja Cristã existem várias tradições: luterana, católica, batista, anglicana, etc. Membros de cada grupo seguem as doutrinas e os costumes que lhes foram "transmitidos".

A Igreja do Nazareno pertence à tradição wesleyana. A nossa interpretação do Evangelho e da vida cristã foi-nos "transmitida", desde João Wesley—fundador do metodismo, por bons pregadores e professores.

Há, actualmente, na Igreja Cristã certo desacordo quanto à importância da tradição. Certas igrejas dão-lhe a mesma autoridade que às Sagradas Escrituras. Opinam elas que a Bíblia deve ser interpretada de acordo com a tradição doutrinária. Os luteranos e outros não concordam com tais afirmações. Dizem que a tradição deve estar sujeita às Sagradas Escrituras. Entretanto, muitos evangélicos não vivem em conformidade com semelhantes princípios.

Como resultado, surgiram dois rumos diferentes. O primeiro baseia-se em tradições mortas: rituais e cerimónias. Os seus seguidores usam os textos bíblicos para apoiarem determinados pontos de vista. Tomam, quase sempre, uma atitude defensiva. A ausência da verdade e clareza comprometem a sua pretendida ortodoxia. As novas gerações consideram estes princípios doutrinários, falsos, sem relação com a vida real. Esta tradição favorece a estagnação espiritual.

O segundo segue tradições vivas. Mais do que em simples letra, baseia-se no poder do Espírito. Aqueles que o seguem, sabem perfeitamente que a vida espiritual se obtém através da Palavra de Deus. Embora dispostos a aceitar e a ouvir outras opiniões, reconhecem que a genuína interpretação bíblica não pode admitir concorrências. Procuram seguir objectivamente a Palavra de Deus. Há relação dinâmica entre o pensamento das novas gerações e as Escrituras. No contexto total da ver-

dade, elas compreendem melhor os seus pontos de vista doutrinários. São tradições vivas. Desenvolvem-se e crescem com o impulso do Espírito Santo.

João Wesley foi o artífice de uma tradição viva. Não aceitou a tradição como algo que se deve seguir cegamente. Foi honesto sob o ponto de vista intelectual. Examinou a tradição à luz das Sagradas Escrituras e estudou-a com os dons intelectuais que Deus lhe concedera. Orou para que o Espírito Santo o dirigisse nesse trabalho. Wesley procurou ser um "cristão bíblico e lógico".

Ao estudar as Escrituras, chegou a três conclusões: 1) A graça universal—Cristo morreu por todos os homens. 2) A fé—a salvação não é pelas obras da lei, mas pela fé em Cristo. 3) A santidade—os cristãos podem e devem procurar a perfeição em amor.

As implicações dessas doutrinas conduziram-no a uma missão evangelizadora universal. Wesley disse: "O mundo é a minha paróquia".

Tal atitude exigiu dele cuidadosa organização que visava dirigir sabiamente à vida de santidade os novos convertidos. A obra beneficiou-se de um método revolucionário: pregação ao ar livre. Os recém-convertidos aprendiam a cantar louvores ao Redentor (teologia acertada), por meio dos hinos que Carlos Wesley escrevera.

Passados dois séculos, a Igreja do Nazareno retomou as pisadas de João Wesley. A nossa tradição, para ser viva, deve apoiar-se em doutrinas e métodos aprovados por rigoroso exame da Palavra de Deus. Tradições doutrinárias aceites inconscientemente não passam de temas mortos. Só a dependência constante das Sagradas Escrituras fazem que a tradição permaneça viva. Só quando nos agarramos à Palavra de Deus com humildade, poderemos mudar a fé que nos foi "transmitida" por um encontro pessoal com o Senhor.

Wesley estudou a Bíblia com a mentalidade e conceitos do seu tempo, como qualquer anglicano do século XVIII. Tal época teria in-

fluenciado o seu ensino das Sagradas Escrituras quanto à doutrina da graça, fé e santidade.

A mensagem da Bíblia não mudou. Talvez ao estudá-la com os conhecimentos do século XX, fiquemos surpreendidos com coisas que não tínhamos observado com as "lente wesleyanas tradicionais". Certas formas de expressão terão de ser modificadas. Mas, apesar disso, permanecerão intactas as doutrinas bíblicas da graça, salvação, fé e santidade. Nós fomos chamados a ensiná-las agora como Wesley o foi no seu tempo.

As verdades bíblicas convidam-nos a cumprir a missão de evangelizar o mundo. Os verdadeiros wesleyanos serão sempre evangelistas. Precisamos de organização que estimule os recém-convertidos a uma vida cheia do Espírito Santo. Procuremos estar atentos aos novos métodos de evangelização. Observando bem, descobriremos nos hinos de Carlos Wesley uma herança religiosa, por vezes, descuidada.

Nós não seguimos cegamente uma tradição morta, mas os passos daqueles que, como João Wesley, se consagraram totalmente à tarefa de pregar o Evangelho imutável no meio dum mundo sujeito a mudanças. □



Dois dos edifícios da sede internacional da Igreja do Nazareno.



ARMINIANISMO

—Carl Bangs

Foto de RELIGIOUS NEWS SERVICE

Formação

A história do Cristianismo comprova a verdade de Romanos 12:4—“Num corpo temos muitos membros e nem todos os membros têm a mesma operação”. A causa de Cristo tem sido, com frequência, levada a cabo por missionários valorosos, pregadores eloquentes, pastores fiéis e dirigentes idôneos. De igual modo, leigos dedicados se têm sacrificado por ela. Na vida comunitária do corpo de Cristo, ninguém escapa à possibilidade e obrigação de ser útil e importante.

Tiago Armínio foi um desses servos fiéis de Deus que contribuíram para a causa do Evangelho através do estudo teológico paciente e rigoroso. Passou a maior parte da vida na Holanda e dedicou-se ao saber como aluno, pastor e professor universitário. Embora participasse nos assuntos da igreja e da vida nacional, o seu maior interesse era o estudo. Os resultados dessa dedicação deram-nos o que chamamos o “Arminianismo”. Exerceram grande influência no Protestantismo e, em especial, nos seguidores de Wesley. Daí a necessidade de dar ênfase à vida e obra de Armínio.

Nasceu a 10 de Outubro de 1650 na vila de Oudewater, ao sul da Holanda. Ficou órfão de tenra idade. Alguns protestantes devotos acolheram-no, reconhecendo nele sinais de rara inteligência. Recebeu a melhor educação do seu tempo nas escolas e universidades de Utrecht, Marburgo, Leida, Genebra, e Basileia. Ingressou na Igreja Reformada de Amsterdão em 1588, distinguindo-se em matemáticas, linguística, filosofia, teologia e estudos bíblicos. Quando nas igrejas holandesas surgiu a crise religiosa e política, ele estava preparado para desempenhar papel importante.

A primeira geração de reformadores tinha desaparecido, bem como o conflito inicial com o Catolicismo, quando Armínio chegou ao auge da sua tarefa teológica. Os discípulos dos reformadores, tanto Luteranos como Calvinistas, enfrentavam nessa altura crises internas de organização e doutrina.

Entre os problemas sem solução avultava o da predestinação, conceito usado por Lutero e Calvino em oposição ao sistema da Igreja Católica. Para eles, a predestinação e a eleição

significavam que a salvação é dom de Deus e, de modo algum, resultado das obras ou méritos do homem. Este precisava de se entregar a Cristo num acto de fé. No entanto a relação entre a eleição de Deus (I Tessalonicenses 1:4) e a fé do homem (João 3:16) não estava claramente definida nos primeiros tempos da Reforma.

Nas igrejas calvinistas (chamadas "reformadas"), apareceram homens que pretendiam definir a predestinação em termos rígidos. Ensinaram que Deus escolhe umas pessoas para serem salvas e outras para serem condenadas, sem olhar à sua fé.

Quando se pretendeu introduzir a predestinação nas igrejas reformadas holandesas, Armínio, como pastor de Amsterdão e professor de teologia em Leida, rejeitou-a apoiado em bases bíblicas e históricas. Opôs-se a qualquer teoria de predestinação que não concordasse com a salvação gratuita em Jesus Cristo e que negasse a responsabilidade do homem. Isto levou Armínio a estudar também as perguntas relacionadas com o restabelecimento da graça, a possibilidade de a perder, a chamada do evangelho, a vontade do homem, a certeza pessoal e a possibilidade da perfeição evangélica.

A tarefa histórica e exegética realizada por Armínio, serviu de padrão à doutrina de João e Carlos Wesley na Inglaterra do século XVIII. Ainda hoje constitui a base da teologia das igrejas de santidade. Ao estudar Armínio não só tratamos dum teólogo de primeira grandeza, mas também da oportunidade de compreender melhor a nossa própria história.

Doutrina bíblica da eleição

Os primeiros reformadores, sobretudo luteranos e anabatistas, enfrentaram heroicamente—no meio da perseguição—os problemas de sobrevivência. À medida que o tempo passava, a "Igreja Reformada" predominou entre os protestantes holandeses. Espalhou-se um tipo de piedade, mais calvinista que luterana, na qual o conceito de predestinação não tinha grande importância. Sob esta tradição de teologia moderada, Armínio recebeu a sua preparação inicial.

Quando as igrejas holandesas conseguiram força económica, começaram a enviar os seus futuros ministros, para melhor treinamento, a Genebra, cidade de João Calvino. Era natural que, ao regressarem, trouxessem consigo a influência dele e de seu sucessor Teodoro Beza. Devia ter sido este a recalcar a doutrina da predestinação que se tornou o centro do Calvinismo. O novo clero holandês procurou seguir a dupla predestinação. Porém, os ministros mais antigos não concordaram.

Armínio estudara em Genebra sob a direcção de Beza na década de 1580. Os calvinistas instavam com ele para que os defendesse, mas ele atacou a doutrina da predestinação de Beza e seus seguidores. Em breve se tornou líder da oposição ao Calvinismo em Holanda, por duas razões: 1) a habilidade especial como pregador e teólogo angariou-lhe simpatia e seguidores; 2) no meio da controvérsia recebeu a nomeação de professor de teologia na Universidade de Leida, colocando-o em lugar estratégico e eminente.

Ao tratar o tema da predestinação, a sabedoria e preparação prática de Armínio permitiram-lhe escapar de três ciladas. A primeira, em não se unir à causa dos humanistas que se baseavam em conceitos renascentistas como dignidade, capacidade racional e livre arbítrio inerente ao homem. A segunda, em não conceder aos calvinistas o direito exclusivo de usar o capítulo nove de Romanos. A terceira, reconhecendo que a Bíblia fala da eleição e predestinação e que o problema devia ser tratado escriturísticamente, isto é, sem sujeitar a Bíblia ao dogma calvinista ou à razão humanista.

A sua resposta foi simples. Viu que a ideia da eleição divina, presente no Velho e Novo Testamentos, se aplica no seu cumprimento final a Jesus Cristo, o Filho amado, em Quem Deus se compraz. Jesus Cristo é, deste modo, o fundamento e conteúdo da eleição e não apenas o meio para executar um decreto prévio e abstracto—para salvar ou condenar certos indivíduos em particular. Mas o conteúdo da eleição, segundo Armínio, também se deve estender à Igreja, aos que estão "em Cristo". Entretanto, ninguém pode estar em Cristo

sem ser pela fé; por isso a fé é fundamental à eleição. Deus predestinou a salvação de todos os que crêem em Cristo, mas não que apenas certas pessoas cheguem a crer.

Com precisão característica, Armínio indicou no estudo sobre Romanos 9:16 que os homens não são salvos por desejar sê-lo, mas porque Deus determinou mostrar-lhes a Sua misericórdia. O ponto central do tema está em Cristo ser oferecido a todos os homens como sacrifício completo, perfeito e suficiente, em resgate dos pecados. A chamada divina ao arrependimento, à fé e à santidade é coisa séria. A verdade em Cristo está ao alcance de todos os homens para os tornar livres.

Para Armínio, a predestinação não é um "decreto terrível", mas as boas novas de que Deus determinou, desde a eternidade, salvar aqueles que com verdadeiro arrependimento e fé aceitem Jesus Cristo como Salvador.

Princípios básicos do Arminianismo

O interesse essencial de Armínio era proclamar o dom da salvação gratuita e universal em Cristo, em oposição à doutrina de expiação limitada. Porém, ele viu que as implicações da "redenção total" se estendiam a todas as áreas da verdade cristã.

Os calvinistas mantinham a sua posição alegando as doutrinas da graça irresistível, a perseverança inevitável dos santos (chamada posteriormente "certeza eterna"), a distinção entre a graça "comum" e a graça "salvadora", a impossibilidade de certeza presente da salvação e de perfeição cristã. As alternativas propostas por Armínio com os seus pontos de vista sobre a predestinação, constituem grande parte do que se tornou conhecido por Arminianismo. Vejamos alguns dos seus conceitos:

1. A predestinação não determina quem deve crer; antes, refere-se à promessa de que todas os que estão em Cristo, isto é, os crentes são salvos.

2. A chamada à salvação e a promessa da graça são coextensivas. A distinção entre graça "comum" e "salvadora" carece de apoio bíblico. "Quando Deus chama", dizia Armínio, "fá-lo com seriedade".

3. A salvação é tarefa de Deus e não do homem; mas este obtém a salvação mediante um acto livre de fé. Como os calvinistas, Armínio afirmava que o pecador se encontrava completamente desamparado sem a graça divina; mas afastava-se deles ao afirmar que a graça é suficiente para conduzir todos os homens à liberdade. "Em todos os homens", comentava Armínio, existe uma vontade flexível que pode escolher ou rejeitar o acesso à graça." A graça liberta a vontade prisioneira para que possa encontrar a sua salvação. A capacidade do homem em crer não é um remanescente natural não afectado pelo pecado; mas um dom de graça, dom gratuito para todos (Romanos 5).

Deus não exige o que o homem pode cumprir, mas capacita-o para o que exige dele. Sem Cristo não poderia existir qualquer acto livre de fé; a fé, no entanto, é um acto do homem; não algo misterioso, mas uma entrega. A graça não destrói a nossa liberdade, restaura-a.

4. Isto significa que a vontade flexível pode rejeitar a graça. Um dos pontos fundamentais do Arminianismo encontra-se nesta declaração de Armínio: "Está sempre incluído no livre arbítrio rejeitar a graça concedida e a graça subsequente; pois a graça não é um acto onipotente de Deus que não possa ser regis-

Novo MANUAL da Igreja do Nazareno

Contém toda a legislação aprovada pela Assembleia Geral de 1976
Livro indispensável—fonte oficial de história, doutrina,
ritual e governo da Igreja do Nazareno.

Encomende o seu exemplar à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES.

Encadernado a preto, letras douradas. Preço U.S.\$3.00 20 ou mais, U.S.\$2.50



tada pelo livre arbítrio do homem". A graça é uma dádiva pessoal concedida pelo Espírito Santo. Não é uma força impessoal ou coerciva.

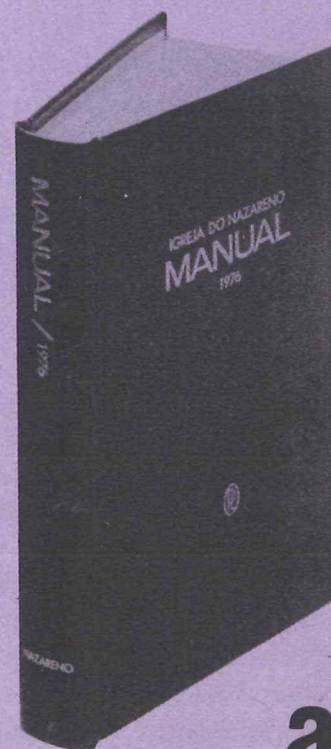
5. Existe, pois, a possibilidade de perder a graça. Neste ponto, Armínio foi cuidadoso em exprimir as suas ideias. Propriamente falando, dizia ele, é impossível que um crente perca a graça. No entanto, pode deixar de crer e, como incrédulo, perder-se para sempre.

6. Podemos falar da certeza da salvação tendo em conta certas considerações. É uma certeza de fé, de salvação presente, e não de salvação final. Tal certeza não se encontra num decreto velado de Deus, mas numa relação presente de fé em Cristo. Nesta relação há certeza perfeita, sob a advertência de não nos apartarmos d'Ele. Portanto, podemos libertar-nos da falsa certeza da salvação e do temor sem esperança.

7. Armínio sugere que, se a fé é uma possibilidade de graça, também é possível que, por graça, o crente continue a obedecer fielmente a Deus. Reconhece diferença entre perfeição legal (rigorosa) e perfeição evangélica (de misericórdia). Afirmava a possibilidade da perfeição evangélica baseada na fé e não nas obras; na graça de Cristo e não na capacidade do homem. Contudo, não foi este o tema central de Armínio. Só posteriormente é que os armínio-wesleyanos trataram de forma mais ampla a doutrina da perfeição evangélica.

Estes pontos apresentados resumem a posição teológica de Armínio. Não é possível transmitir em pormenor as bases bíblicas, históricas e lógicas em que ele se apoiou. Nem compreender, quatro séculos mais tarde, a sua declaração sobre a graça. Foi um homem que em tempos de discórdia religiosa, amou a paz, a tolerância e a clemência. Porém, estas foram-lhe negadas pela oposição que o levou à morte prematura em 1609. Tinha, então, 49 anos de idade.

Todos os crentes, especialmente os armínianos, devem meditar as palavras pronunciadas no dia do seu funeral: "Em Holanda viveu um homem que, quem não o conheceu não o pôde apreciar; e quem não o apreciou não o conheceu suficientemente". □



a consciência colectiva da igreja

—Fletcher Spruce

Os cristãos da Igreja Primitiva tiveram divergências de opinião. Uns ensinavam que os novos convertidos se deviam circuncidar; outros diziam o contrário.

Alguns acreditavam que só os apóstolos—ou os judeus—podiam ser santificados; outros afirmavam que tal graça era para todos.

Havia quem pensasse que a Igreja se devia esforçar por ganhar almas perdidas; e, também, quem insistisse no desenvolvimento de mais acção social e institucional.

Por isso, foi convocada a primeira "assembleia geral" em Jerusalém para

serem debatidos os assuntos em questão.

Do concílio de Jerusalém surgiu a consciência colectiva da Igreja. Era a primeira vez que os dirigentes se reuniam para apresentarem os seus pontos de vista e chegarem a determinados acordos gerais e específicos. Estabeleceram normas de importância vital para a orientação da Igreja Primitiva durante a sua expansão.

O Manual da Igreja do Nazareno é a nossa consciência colectiva. Foi-nos legado após um processo semelhante ao do estabelecimento das normas da Igreja Primitiva.

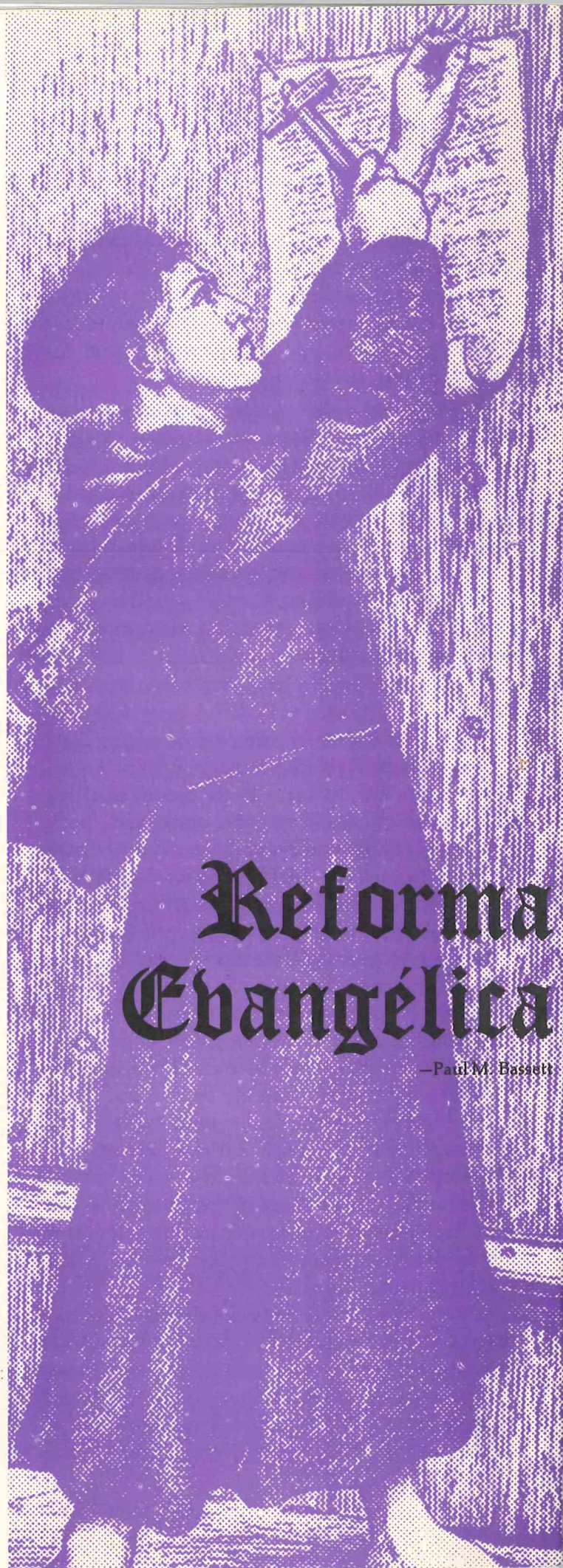
Os fundadores da nossa Igreja discordaram em certos pontos, alguns dos quais se referiam à consciência individual. Nas primeiras assembleias gerais os delegados apresentaram e discutiram amplamente as diferentes opiniões.

Por conseguinte, as doutrinas, normas e regras do *Manual* constituem a consciência colectiva do povo nazareno.

Talvez alguns julguem que as normas éticas do *Manual* não são suficientemente elevadas para representarem a consciência colectiva da Igreja. Nesse caso, é melhor superar a norma escrita e viver de acordo com as convicções pessoais.

Também pode alguém pensar o contrário, isto é, que as normas éticas do *Manual* são demasiado elevadas, idealistas e irreais (por exemplo, talvez a sua consciência lhe permita ir ao cinema, o que, segundo as nossas regras, deve ser evitado). Então procure ultrapassar a consciência individual e conforme-se com a da maioria, a colectiva—que é a regra estabelecida pelo *Manual*.

Um povo santo deve sempre respeitar a consciência colectiva e considerar cuidadosamente qualquer plano de mudança. □



Reforma Evangélica

—Paul M. Bassett

Martinho Lutero, monge e jovem estudante, tinha procurado por todos os meios obter a paz com Deus. Aplicara-se ao estudo, deixara a vida do mundo, martirizara o corpo com açoites e jejuns rigorosos e confessara-se tantas vezes que chegou a cansar os confessores. Dedicava mais tempo à oração que qualquer confrade da sua ordem. Lia a Bíblia com frequência. Por isso, acabara por decorar parte dela. Mas continuava sem paz no coração. Sentia remorsos de consciência. Parecia ter problemas de confusão mental e emocional. Todavia, Lutero conseguira finalmente a paz almejada. Não através da perfeição de suas obras, mas de nova compreensão da natureza de Deus.

A frase bíblica, "a justiça de Deus" (Romanos 1:17), e outras semelhantes tinham-lhe perturbado a consciência. Segundo suas palavras, chegou a odiar Deus e Sua justiça, por esta lhe parecer tão severa e exigente que o não deixaria de condenar.

Porém, no meio do desespero, Deus lhe abriu os olhos. Ele classificou este acto de renascimento, um nascimento dentro do paraíso da alma. Lutero acabara por compreender que a frase "a justiça de Deus", não se referia a algo imposto por Deus, exigindo igualdade entre a nossa justiça e a Sua. Antes, verificou que "a justiça de Deus" é a que Ele nos quer dar. Ultrapassa a nossa própria justiça e pecado.

Lutero viu mais, por exemplo, que "o amor de Deus" não é um sentimento pelo qual Deus condena o nosso ódio e amor humano, pelo facto de não estarmos à altura do Seu amor divino. "O amor de Deus" é a dádiva que Ele semeia em nós para O podermos amar a Ele e ao próximo. É superior ao nosso amor, ódio e egoísmo. A sabedoria de Deus" não significa comparação entre a sabedoria divina e a humana, exigindo igualdade. Pelo contrário, trata-se do dom activo de Deus que supera as nossas fraquezas.

É um dom maravilhoso. Entretanto, como poderemos recebê-lo? Lutero afirmou que é um dom de Deus. Se reconhecermos que Ele no-lo oferece, digamos com simplicidade: "Sim, aceito-o". E devemos prosseguir: "Sei

que é um dom e que não o mereço, mas já que Deus o oferece, creio que Lhe agradará eu recebê-lo. Aceito-o". Isto é ser salvo pela graça por meio da fé—da parte de Deus, a graça; da nossa parte, a fé.

Quando Deus se fez homem em Jesus Cristo, pôs tudo ao nosso alcance. Cristo é esse dom, a verdadeira justiça, amor e sabedoria. Deus no-lo dá. Então Cristo nos leva a Deus—é uma das implicações do sacrifício de Cristo na Cruz—, nós nos entregamos a Ele, para que Ele nos apresente a Deus.

Como sabê-lo? Lutero concluiu que é a história narrada na Bíblia. Só ela a conta. É a obra dos seguidores fiéis que testificam dela. O seu propósito é registrar a chamada de Deus desde a queda do homem até ao cumprimento em Jesus de Nazaré, "o Verbo feito carne". A Igreja também conta essa história, mas baseada na Bíblia. De modo que a Bíblia é a autoridade e a Igreja sua mensageira.

Na época de Lutero, a Bíblia ocupava lugar secundário e a Igreja, em vez de ser mensageira e serva de Deus, convertera-se em ama e senhora. Esquecera-se das suas funções.

Embora a Igreja tenha o privilégio de anunciar o perdão dos pecados e a responsabilidade de definir a justiça, nessa altura tomou por conta própria tais declarações. Esqueceu-se que era a esposa de Cristo e não o próprio Cristo; portadora de boas novas e não administradora. Tornou-se egoísta e interesseira ao vender a graça em vez de a oferecer gratuitamente, com dom.

Contra tal procedimento, Lutero estabeleceu um ponto fundamental que afectou, inclusive, a igreja de Roma. A justificação, ou salvação, não depende da vontade da igreja. Nem da obediência ao que ela prega. A salvação é um dom gratuito de Deus para todo aquele que crê.

Consequentemente, o desejo sincero dos que crêem e aceitam o dom, dizia Lutero, é reunirem-se para celebrarem juntos o culto, ouvirem a Palavra de Deus e se ajudarem uns aos outros a viver piedosamente—uma vida que dê "graças" a Deus pelo dom inefável e gratuito da salvação em Cristo Jesus, nosso Senhor. □

ROMANOS 8:1-4

—Donald S. Metz

Em Romanos 8, Paulo descreve a obra e o ministério do Espírito Santo e as suas implicações na vida do crente. A vida no Espírito e a santidade são, para ele, como uma montanha espiritual, donde se avista a maravilhosa obra redentora de Deus.

Nenhuma condenação (v. 1). Para além do pesadelo da derrota e do desespero, está a realidade da gloriosa libertação—oportunidade e privilégio cristãos. As palavras “portanto, agora”, implicam uma nova condição. Mas com as mesmas ele olha para trás, para a vida passada, à procura da justificação, da nova vida em Cristo, da vontade de Deus e da vitória total.

Paulo usa aqui estas palavras com duplo significado: 1) Libertação da culpa do pecado. A purificação da culpa é o resultado da justificação. A palavra condenação não se pode interpretar fora do seu contexto. O Apóstolo fala mais de santificação do que de justificação. 2) Portanto, o segundo significado de “nenhuma condenação” refere-se não só à libertação da culpa do pecado, mas também da sua escravidão.

Me livrou da lei do pecado e da morte (v. 2). A vida de vitória e liberdade é resultado de um novo poder: nova Pessoa passa a dirigir a vida do cristão. O Espírito Santo, dado por Cristo, torna-o livre. Paulo não se libertou do que era ao encontrar vitória em Cristo, mas quando substituiu uma lei por outra: a lei do Espírito de vida em Cristo Jesus. Pelo dom do Espírito Santo ficamos livres das nossas lutas passadas. A lei apresenta-se a si mesma como espiritual. Agora Paulo deleita-se na Lei de Deus e, pelo Espírito, cumpre a lei.

Condenou o pecado na carne (v. 3). Na luta contra o pecado, a

morte de Cristo foi o momento crucial. A Lei de Moisés não tinha poder para salvar da morte, porque a carne era fraca para libertar da escravidão do pecado. É certo que a lei conduz ao conhecimento do pecado, mas não dá poder para alguém se livrar dele.

Jesus veio em *semelhança da carne do pecado* (v. 3). Jesus não foi um ser divino disfarçado com natureza e corpo humanos. Mas Deus, ao enviar Seu Filho que Se sujeitou ao corpo humano, onde o pecado erigira seu trono, pro-

clamou a derrota do império do pecado, a carne.

Andamos . . . segundo o Espírito (v. 4). Quando seguimos a carne, permitimos que a indolência do espírito humano e os apetites carnis nos dominem. Ao andarmos segundo o Espírito Santo temos disposição, desejo e poder para voltar as costas ao pecado.

Seguindo o Espírito Santo teremos unidade na igreja, comunhão, obediência e progresso na nossa vida diária. □

“O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar”
—Mat. 24:35

A BÍBLIA-- CONTUDO PERMANECE

Gerações sucedem a gerações—ela contudo permanece.
Nações se levantam e caem—ela contudo permanece.
Reis, presidentes e ditadores vêm e vão—ela contudo permanece.
Rasgada, condenada, queimada—ela contudo permanece.
Odiada, desdenhada, blasfemada—ela contudo permanece.
Duvidada, suspeitada, criticada—ela contudo permanece.
Condenada por ateístas—ela contudo permanece.
Troçada por escarnecedores—ela contudo permanece.
Exagerada por fanáticos—ela contudo permanece.
Mal interpretada e mal exposta—ela contudo permanece.
Negada a sua inspiração—ela contudo permanece.
Contudo ela permanece—como lâmpada para os nossos pés.
Contudo ela permanece—como luz para os nossos passos.
Contudo ela permanece—como a porta para o céu.
Contudo ela permanece—como modelo para a infância.
Contudo ela permanece—como guia para a juventude.
Contudo ela permanece—como inspiração para a maturidade.
Contudo ela permanece—como conforto para a velhice.
Contudo ela permanece—como alimento para as almas famintas.
Contudo ela permanece—como água para as almas sedentas.
Contudo ela permanece—como repouso para o cansado.
Contudo ela permanece—como luz para o gentio.
Contudo ela permanece—como salvação para os pecadores.
Contudo ela permanece—como graça para o cristão.

LÊ-LA É CONHECÊ-LA
CONHECÊ-LA É AMÁ-LA
AMÁ-LA É ACEITÁ-LA

Conhecer o Seu Autor significa Vida Eterna — João 17:3

—Willar L. Johnson



✓ **II Pedro 1:20 diz: "Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação". Se é verdade, por que há tantas denominações?**

No seu contexto, este versículo significa que os profetas não escreveram baseados nas próprias ideias, mas que foram inspirados pelo Espírito Santo (v. 21).

Além disso, implica que ninguém pode interpretar correctamente a Bíblia sem a divina iluminação. A maior parte das diferenças doutrinárias entre as igrejas fundamenta-se num aspecto particular da verdade bíblica e não no seu conteúdo total.

Muitas pessoas que criticam o número elevado de igrejas evangélicas, fazem-no, quase sempre, quando fundam outras. Pedro adverte-nos contra a "interpretação particular".

✓ **O Senhor disse que os homens devem "orar sempre, e nunca desfalecer". Não implicará o orar muito, falta de fé no poder de Deus em responder à oração? Não contradiz a promessa: "Pedi e dar-se-vos-á . . . aquele que pede, recebe" (Mateus 7:7-8)? Será possível alguém orar mais do que é devido?**

O orar mais do que é devido, em geral, não constitui problema para o crente; a não ser que se trate de repetições de pouca importância.

Quando oramos por algum assunto até estar certos de que Deus nos ouviu e responderá, tornamo-nos, segundo Isaías, "guardas do Senhor que todo o dia e toda a noite de contínuo se não calarão" até obter resposta (62:6).

Depois, damos graças a Deus pela resposta, embora ainda não se tenha concretizado. O louvor faz parte autêntica da oração.

O contexto da referência que "os homens devem orar sempre" (Lucas 18:1-8), indica que devemos clamar dia e noite. A oração irregular e sem atenção geralmente não consegue resultados. A persistência é indispensável na oração, aliás como em qualquer outra actividade.

"Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?" (Lucas 18:8).

✓ **Há algum fundamento bíblico para a dieta de alimentos naturais? Haverá comidas imundas? Se a religião favorece esta espécie de dieta, que será dos cristãos que não se submetem a ela?**

Além da necessidade de preservar a saúde física, a Bíblia não oferece leis dietéticas. O Novo Testamento declara que todos os alimentos são limpos (Marcos 7:19; Lucas 11:41; Actos 10:15; 11:9; Romanos 14:1-12; Colossenses 2:16).

Isto não significa que o cristão não tenha liberdade de escolher a dieta que mais lhe convenha à saúde. Simplesmente deve segui-la para seu bem, não como requisito específico da Bíblia.

Os especialistas em dietas têm opiniões diferentes quanto a solução do problema. Por isso procure seguir Romanos. 14. Quando a Palavra de Deus não for explícita, "cada um esteja inteiramente seguro em seu próprio ânimo" (v. 5), e não imponha aos outros os seus escrúpulos.

✓ **Foi necessário o sacrifício de Cristo na Cruz para apaziguar o ódio que Deus tem ao pecado? Sentiu Deus prazer ou satisfação em tal acto?**

Se faz esta pergunta a sério procure o livro de *Introdução à Teologia Cristã*, por Wiley-Culbertson, e leia em especial a secção sobre "A Natureza e a Necessidade da Expição".

Resumindo: Romanos 5:8 expressa uma verdade relacionada com a cruz: "Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores".

A cruz não é o símbolo da ira de Deus, mas a expressão do amor infinito do Pai.

A morte do Senhor foi necessária não tanto para acalmar a indignação de Deus, mas para mostrar o Seu amor e tornar possível o perdão do pecado—sem detrimento da lei santa que fora violada.

O Novo Testamento ensina que Deus se entregou a Si mesmo por causa dos nossos pecados e, pela morte de Cristo, tornou possível o perdão e a justificação (Romanos 3:26).

Se Deus encontrasse outro remédio eficaz para o pecado, creio que não teria enviado o Seu Filho para morrer no Calvário. É mais difícil ao Pai amoroso dar Seu Filho, do que sacrificar-Se a Si mesmo. □

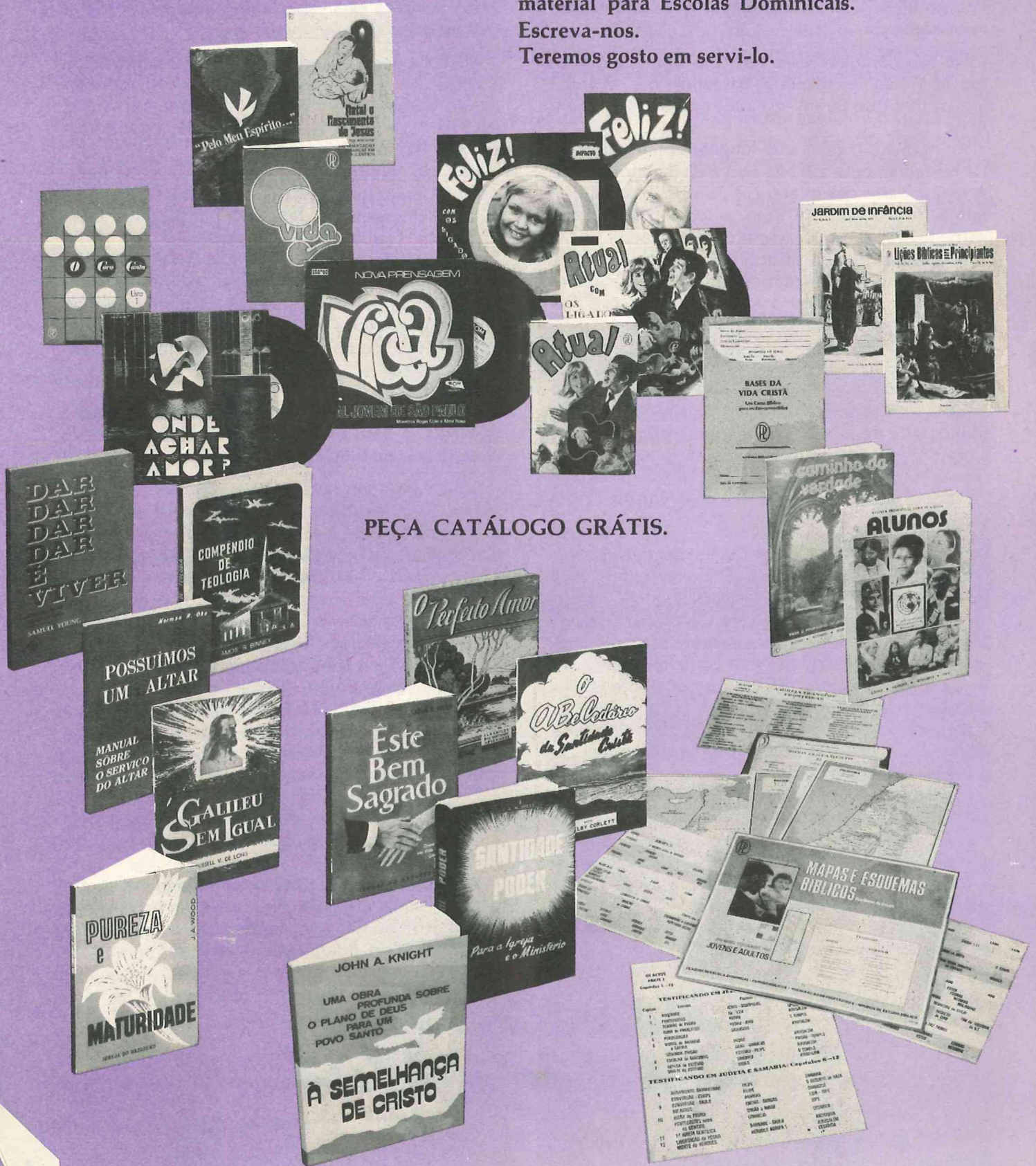
PERGUNTAS E RESPOSTAS

LIBRARY
ENBC
POSTFACH 109
8201 SCHAFFHAUSEN
SWITZERLAND

DEC PHH

SABIA?

A Casa Nazarena de Publicações
pode fornecer—livros—música—discos—
material para Escolas Dominicais.
Escreva-nos.
Teremos gosto em servi-lo.



PEÇA CATÁLOGO GRÁTIS.